

A CULTURA CASTREJA – ONTEM E HOJE *

C. A. Ferreira de ALMEIDA
F. ACUÑA CASTROVIEJO

A cultura castreja do Noroeste Peninsular, sobretudo na sua última grande fase, quando ela se evidencia mais como uma aguerrida civilização de pedra, quando mostra aspectos arcaizantes, fortemente assumidos, e uma vincada personalidade, testemunhada por multiplicados povoados que ocupam cimos de outeiros ou esporões de montes, os quais ajudam a simbolizar a paisagem da região, cedo ganhou, internacionalmente, um grande prestígio e um sistemático relevo de referência. Todo este prestígio arrancou dos trabalhos de Martins Sarmento, do percurso da excelente e resistente *Revista de Guimarães* e da vincada impressão que os vestígios e as ruínas dos castros de Briteiros e de Sabroso causaram no grupo de participantes do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-históricas, de 1880, quando as visitaram, conforme testemunha o relato/compte-rendu que nos deixou o ilustre congressista, Virchow.

Ligada, no início, por Martins Sarmento, à civilização micénica, a cultura castreja foi, depois, ganhando os seus foros de cultura atlântica e céltica, ao mesmo tempo que ia sendo modelada pelos testemunhos das importantes estações arqueológicas de Briteiros e de Sabroso (M. Cardozo), de Terroso (Serpa Pinto), de Santa Luzia (Abel Viana), de Santa Tecla (Mergelina), de Sanfins (A. do Paço), de Troña (Pericot), de Castromao (grupo de Ourense), de Baroña e de Borneiro (Sebastián Gonzalez e, depois, J. M. Luengo) e de Coaña (Garcia y Bellido e outros). A cultura castreja, a dos guerreiros e das imponentes muralhas, a dos monumentos com forno, das ostensivas joias de ouro, das cerâmicas escuras, gravadas e estampadas, do estanho e do bronze, de cronologias curtas e muito incertas, foi-se padronizando em textos fundamentais, ainda hoje com valias. Foi a época da *Citânia e Sabroso*, de M. Cardozo, do

* Texto preparado para acompanhar a publicação dos inéditos de C. Hawkes, na sequência da exposição e *Sessão de Homenagem a Christopher Hawkes*, que teve lugar na Sociedade Martins Sarmento, Guimarães, a 24 de Junho de 1993, comissariada por Francisco Queiroga.

grande manual que foi *La Civilizacion Céltica en Galicia*, de Lopez Cuevillas, de diversos trabalhos de Maluquer de Motes, dentre os quais avultam dois capítulos no volume da *Historia de España* de Menendez Pidal, de Mergelina, *La Citania de Santa Tecla*, no BSAA (1944). Estas as obras mais destacáveis, entre muitos outros textos de diferentes autores, também importantes.

É nesta fase, marcada por um grande interesse internacional relativamente a esta cultura arqueológica, que nos aparece C. Hawkes na estação de Sabroso e na do castro de Âncora. Interessadíssimo pela cultura castreja por ela ser atlântica e ter aspectos equiparáveis a outras de Inglaterra, pelos problemas dos seus povos e da sua economia, mormente a do estanho, sentindo as incertezas cronológicas dos seus testemunhos e uma ausência de periodização fiável até porque se escrevia que nos castros não havia estratigrafia, Hawkes realiza as suas escavações em Sabroso e no castro de Âncora, valorizando a estratigrafia e a evolução e estudo das formas, como o seu espólio, em boa hora exposto e legado a esta Sociedade, confirma.

A periodização que nos deu da cultura castreja, baseada em factos históricos relativos à conquista e ao domínio romano do Noroeste peninsular, aparece-nos, hoje, como algo mecânica e exterior à cultura material que os castros evidenciam, mas representou um grande avanço para a sua época. E este notável arqueólogo sentiu bem a possibilidade de desfazimento e a insegurança das suas hipóteses, ao hesitar tanto na publicação dos relatórios destas suas escavações, certamente muito limitadas para tanta pretensão. Há, porém, que reconhecer o mérito e a modernidade deste arqueólogo e a sua grande importância na teorização da evolução da cultura castreja. Foi pena que o seu trabalho tenha ficado quase totalmente inédito, até hoje. A sua publicação, outrora, teria sido muito importante mas ainda o é agora. E este é mais um serviço que ficamos a dever à benemérita Sociedade Martins Sarmento e ao Doutor Francisco Queiroga.

A presente geração de arqueólogos que se tem interessado pela cultura castreja, devido à intensidade de trabalhos de campo que nos revelaram muitos outros povoados, porque conhece melhor muitos dos seus artefactos e porque apurou as análises estratigráficas e dispõe de outros meios, enriqueceu imenso as possibilidades do nosso conhecimento sobre esta civilização. Foram solucionadas algumas das importantes questões que a geração passada nos deixou, caso dos monumentos com forno, a diacronia desta cultura, desde a Época do Bronze está, hoje, perfeitamente preenchida com a ajuda de materiais forâneos que se encontram cada vez mais, pelo C 14, pela cerâmica e pela evolução da construção, embora haja muito que apurar e afinar. Hoje já se não pode fazer a teoria da cultura castreja, apoiando-nos apenas na meia dúzia de estações escavadas até à década de 60.

O castro de Mozinho (Penafiel) confirmou quanto a cultura castreja se desenvolveu e se recriou sob o impulso da romanização, durante o século I da nossa era. Terroso mostra-nos formas e estruturas características de tempos anteriores. A escavação da Facha evidenciou-nos uma longa diacronia castreja, particularmente bem seriada, até à Época do Bronze, apoiada em excelentes estratigrafias e em objectos. O castro da Pena (Caminha) serve para evidenciar as relações marítimas e meridionais que esta cultura teve. Os castros de Faria, de São Julião, de Barbudo e outros voltam a confirmar a diacronia desta civilização, desde o século VIII, e as suas radicais ligações com a cultura do Bronze Final, dada a sucessão de sítios, de povoados e até de formas. Penices (Famalicão), com os seus sucessivos níveis castrejos de cabanas de madeira, parece confirmar quanto, em certos povoados, foi tardia a petrificação das paredes das casas e como tão cedo se chegou à forma das imponentes muralhas que são um elemento essencial na caracterização desta cultura.

Uma longa série de castros, sistematicamente pequenos, de Ribeira Lima e da margem de outros rios, como o Cávado, assentes em elevações muito ligeiras e distribuídas entre várzeas e agros, uns com ocupação pré-augustea e outros já da nossa

era, com interesses manifestamente agrícolas, veio enriquecer a problemática da cultura castreja e reforçar o relevo que a agricultura tinha nesta civilização.

As escavações da presente geração de arqueólogos galegos fornecem-nos perspectivas semelhantes. Neixón confirma a ligação da cultura castreja à do Bronze, as relações forâneas, desde o seu início, a imponência das antigas muralhas e o cuidado da defesa que a caracteriza desde o primeiro momento. Torroso e Penalva ligam-se também ao Bronze e Castromao patenteia-nos bem, pelo menos, duas grandes fases, uma arcaica e outra já sobre a nossa era. A revisão de Borneiro, de Baroña e de Troña confirmam o grande desenvolvimento da cultura castreja no século I a.C. e ainda depois de Augusto. S. Cibrán de Lás e a Graña são dois outros castros que nos evidenciam a recriação do castrejo já dentro da nossa era.

Alguns castros de Caurel, assim como outros asturianos, têm sido classificados como «castros mineiros», de época romana. Também em Trás-os-Montes os há. Eles testemunham-nos o desenvolvimento deste tipo de povoados fortificados em ligação com as explorações auríferas romanas. O castro de Viladonga, como a Curalha e outros em Portugal, mostram-nos uma peculiar recriação de povoados, à laia castreja, nos tempos inseguros dos séculos IV e V da nossa era.

Os relatórios destas escavações e de muitas outras e uma longa série de estudos, com realce para os ligados à carreira universitária e a doutoramentos, aparecidos nesta última vintena de anos, enriquecem muito os nossos conhecimentos sobre esta cultura, preencheram muitas lacunas, realçaram as variações regionais e cronológicas e ampliaram a sua problemática.

Relativamente à evolução da cultura castreja, C. Hawkes propôs uma periodização algo exterior à arqueologia, buscada na história da conquista romana. Hoje vamos tendo ideias bem mais precisas sobre a evolução da civilização material castreja e dos seus diferentes ritmos. Mas foi com este objectivo que Hawkes veio trabalhar nos nossos castros, oferecendo-nos apesar da limitação das suas campanhas, um importante passo nesse sentido. Antes de terminar, queremos associar a esta lembrança de Hawkes a memória de Maluquer de Motes, arqueólogo catalão, que tanto se entusiasmou pela cultura castreja e que tanto ajudou a formar a actual geração de estudiosos desta civilização.

